

# MAPA DA VIOLÊNCIA 2014

## OS JOVENS DO BRASIL

Julio Jacobo Waiselfisz



### SUMÁRIO EXECUTIVO



FLACSO  
BRASIL

[www.flacso.org.br](http://www.flacso.org.br)

# **MAPA DA VIOLÊNCIA 2014: OS JOVENS DO BRASIL**

**Julio Jacobo Waiselfisz**

## **SUMÁRIO EXECUTIVO**

## INTRODUÇÃO

Estamos voltando às origens. Os primeiros Mapas, divulgados pela Unesco entre 1998 e 2005, tinham como foco e subtítulo *Os Jovens do Brasil*.

Nos Mapas, pretendíamos fazer uma leitura social da mortalidade violenta de nossos jovens a partir dos únicos indicadores disponíveis nessa época, os oferecidos pelo Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde. Eram as mortes nos acidentes de trânsito, nos homicídios e nos suicídios. Passados 16 anos desde esse primeiro Mapa, novos dados recentemente divulgados nos levaram a verificar, com grande preocupação, que continuam sendo, e de forma mais contundente ainda, os principais fatores a ceifar a vida de nossa juventude.

Constatamos também que a crescente utilização dos Mapas de Violência por parte de diversas instituições da sociedade civil e do Estado tem originando a necessidade de ajustes e reformulações que foram acontecendo ao longo do tempo.

A recente divulgação das bases de dados correspondentes ao ano de 2012 pelo SIM e a crescente utilização das informações dos Mapas por parte do programa federal Juventude Viva oportunizaram a realização das reformulações expostas:

- Ampliar nosso entendimento de juventude, que era o das Nações Unidas, de 15 a 24 anos de idade, para as definições do País: 15 a 29 anos de idade, o que originou a necessidade de reprocessar todas as séries históricas.
- Incorporar, na sistemática dos *Jovens do Brasil*, além dos três capítulos tradicionais: homicídios, suicídios e trânsito, um quarto, referido às questões de raça/cor, tema que era tratado de forma independente.

Por último, cabe o alerta formulado em mapas anteriores. Não pretendemos aqui realizar um diagnóstico da violência letal no País. Mais que realizar um acurado exame, nossa intenção é fornecer subsídios para que as diversas instâncias da sociedade civil e do aparelho governamental aprofundem sua leitura de uma realidade que, como os próprios dados evidenciam, é altamente preocupante.

## CAP. 2 – MARCO DA MORTALIDADE JUVENIL

### 2.1. Questão etária e mortalidade violenta

Desde o primeiro Mapa divulgado em 1998, consideramos mortalidade violenta a resultante da somatória de homicídios, suicídios e acidentes de transporte. Precisamente por sua elevada incidência na juventude e por ser produto de um conjunto de situações sociais e estruturais. Desagregando sua incidência ao longo da vida, podemos visualizar melhor esse fato. Na Tabela e Gráfico 2.1 realizamos esse desmembramento para os dados do ano 2012. Podemos observar:

- O brutal incremento dos homicídios a partir dos 13 anos de idade: as taxas pulam de 4,2 homicídios por 100 mil para 75,0 na idade de 21 anos. A partir desse ponto, tem um progressivo declínio. Nessa faixa jovem são taxas de homicídio que nem países em conflito armado conseguem alcançar.
- Também nos acidentes de transporte a vitimização prioritária acontece na faixa jovem e também idoso. Como tivemos oportunidade de comprovar em um recente mapa<sup>1</sup> no caso dos jovens, explica-se pela crescente e elevada mortalidade de motociclistas, veículo mais utilizado por jovens. No caso dos idosos, deve-se fundamentalmente a elevada vulnerabilidade de pedestres com mais de 65 anos de idade.
- Por último, surpreende a elevação significativa dos índices de suicídio a partir dos 17 ou 18 anos de idade, com taxas bem acima da média nacional, em torno de 5 suicídios cada 100 mil habitantes.
- Em conjunto, a partir dos 19 anos de idade, e até os 26, as taxas de mortalidade violenta ultrapassam os 100 óbitos por 100 mil jovens.

### 2.2. Evolução da mortalidade violenta: 1980/2011

A evolução histórica da mortalidade violenta no Brasil impressiona pelos quantitativos implicados. Vemos na tabela 2.2.1 que, segundo os registros do Sistema de Informações de Mortalidade, entre os anos 1980 e 2012, morreram no país:

- 1.202.245 pessoas vítimas de homicídio.
- 1.041.335 vítimas de acidentes de transporte.
- 216.211 suicidaram-se.
- As três causas somadas totalizam 2.459.791 vítimas.

---

<sup>1</sup> WASELFSZ J.J. *Mapa da Violência 2013. Acidentes de Trânsito e Motocicletas*. Rio de Janeiro. CEBELA-FLACSO. 2013

Alguns aspectos nessa evolução devem ser ainda destacados por sua relevância para nosso estudo:

1. Se as taxas de mortalidade para o conjunto da população caem 3,7% nesse período, as taxas por causas externas aumentam 32,8%.
2. Quem puxa os aumentos dessas taxas são, fundamentalmente, os homicídios, que crescem 148,5%, em segundo lugar, os suicídios, que crescem 62,5%. Mas também os óbitos em acidentes de transporte aumentam 38,7%.
3. Os acidentes de transporte, com acentuada queda na década de 90 pela entrada em vigor do Estatuto do Trânsito de 1997, retomam sua tendência de alta já no ano 2000, com um aumento de 36% entre os anos 2000 e 2012. Podemos observar um significativo aumento nos últimos anos - 2009 a 2012, quando as taxas passam de 20,2 para 23,7 mortes por 100 mil habitantes.
4. Os suicídios no país vêm aumentando de forma progressiva e constante: a década de 80 praticamente não teve crescimento (2,7%); na década de 90 o crescimento foi de 18,8% e daí até 2012 de 33,3%.
5. Os homicídios apresentaram um forte crescimento desde o início da série, no ano de 1980, quando a taxa foi de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes, até o ano 2003, quando a taxa chega a 28,9 com um gradiente de 4% de crescimento anual. A partir de 2003, resultante das campanhas de desarmamento e de políticas pontuais em algumas Unidades da Federação de grande peso demográfico, as taxas de homicídio tendem a cair até 2007, ponto de reinício da escalada de violência.

## CAP. 3 – HOMICÍDIOS

### 3.1 - Evolução dos homicídios nas Unidades Federadas

Na década 2002/2012, o número total de homicídios registrados pelo SIM passou de 49.696 para 56.337, o que representa um incremento de 13,4%, semelhante ao incremento populacional do período que, segundo estimativas oficiais, foi de 11,1%.

Mas o que realmente impressiona nesses números são suas magnitudes. No ano de 2012, com todas as quedas derivadas da Campanha do Desarmamento e de diversas iniciativas estaduais, aconteceram acima de 56 mil homicídios. Isso representa 154 vítimas diárias, número que equivale 1,4 massacres do Carandiru<sup>2</sup> a cada dia do ano de 2012. Na década analisada, morreram, no Brasil, nem mais, nem menos: 556 mil cidadãos vítimas de

---

<sup>2</sup> Um tumulto na Casa de Detenção do Complexo de Carandiru, na zona norte de São Paulo, originou a intervenção das forças policiais, que deixou um saldo de 111 mortes segundo os dados oficiais. Esse fato ficou conhecido internacionalmente como "Massacre de Carandiru".

homicídio, quantitativo que excede, largamente, o número de mortes da maioria dos conflitos armados registrados no mundo.<sup>3</sup>

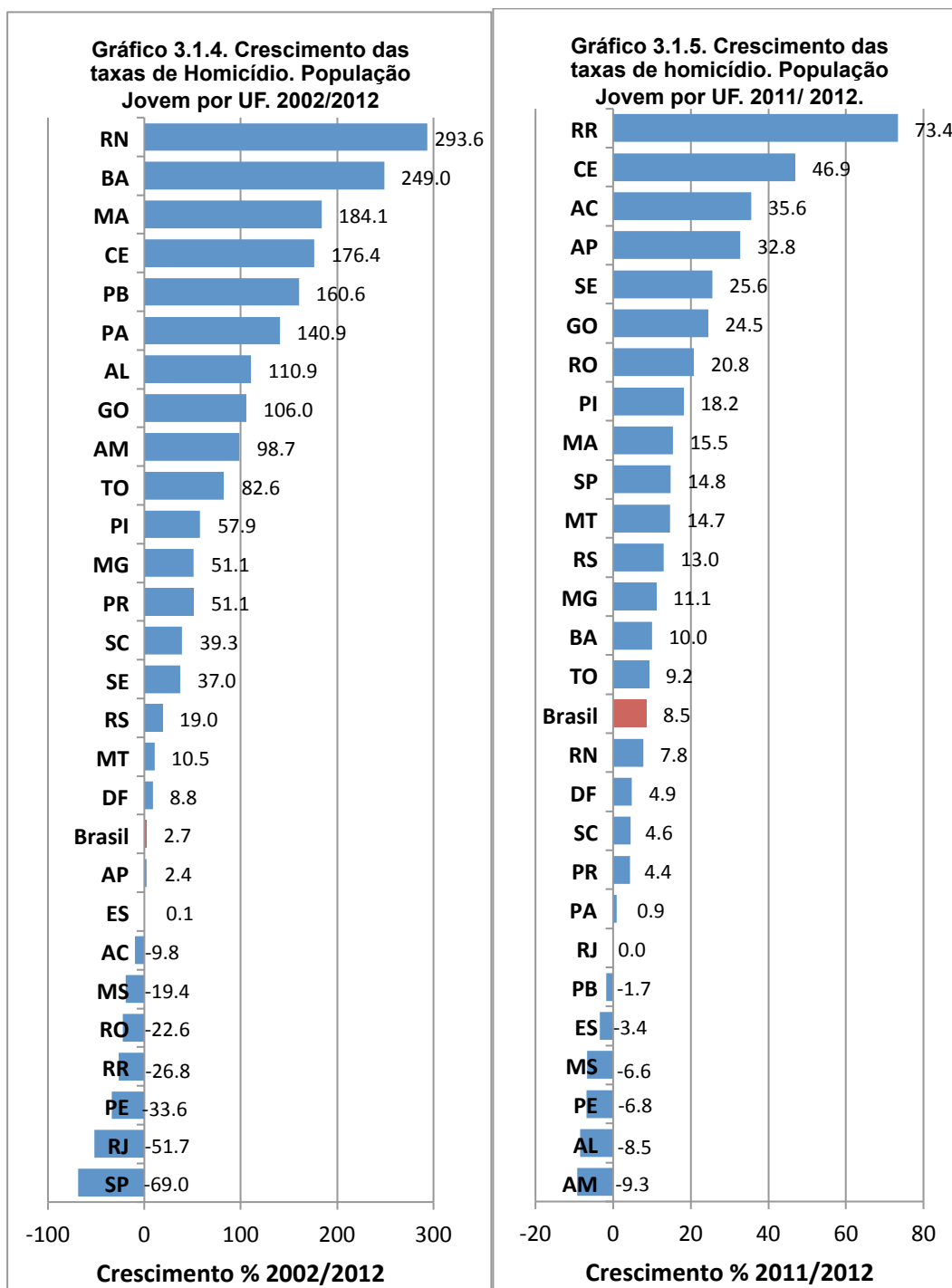
Levando em conta a população de 15 a 29 anos dos estados, as taxas de homicídios juvenis foram detalhadas na Tabela 3.1.5 e também nos Gráficos 3.1.4 e 3.1.5

Vemos assim que:

- Nos anos extremos da década: 2002 e 2012, as taxas são muito semelhantes: 56,1 e 57,6 homicídios por 100 mil jovens: um aumento decenal de 2,7%.
- Uma forte inflexão nos anos centrais da série que marca dois períodos:
  - De 2002 a 2007, quando as taxas caem de 56,1 para 49,7 pelo impacto das políticas de desarmamento e estratégias exitosas pontuais de enfrentamento da violência nas grandes metrópoles com elevados índices – São Paulo e Rio de Janeiro.
  - De 2007 a 2012, as taxas globais retomam seu fôlego altista. As taxas nas grandes metrópoles continuam caindo, mas a violência se espalha ao longo do País, em áreas com escassa ou nula capacidade de enfrentamento.
- Na década, só seis UFs conseguem fazer cair suas taxas juvenis, principalmente as três acima mencionadas. Conseqüentemente, em 21 as taxas aumentam, com casos extremos como os do Rio Grande do Norte e da Bahia, onde os índices mais que triplicam.
- Considerando só o último ano disponível – 2012 – vemos que as taxas cresceram pesadamente com respeito a 2011: 8,5%.
- Olhando as Unidades que tradicionalmente vinham caindo:
  - Rio de Janeiro estagna, mas com níveis extremamente elevados – 56,5 homicídios por 100 mil jovens.
  - São Paulo experimenta um novo surto, com crescimento de 14,8%, embora sua taxa continue sendo uma das duas mais baixas do País.
  - A única *tradicional* que continua o processo de queda em 2012 é Pernambuco – diminui 6,8% – mas ainda com níveis extremamente pesados de assassinatos de jovens: 73,8 homicídios por 100 mil jovens.
- Nesse último ano de 2012 só seis UFs logram fazer diminuir suas taxas.

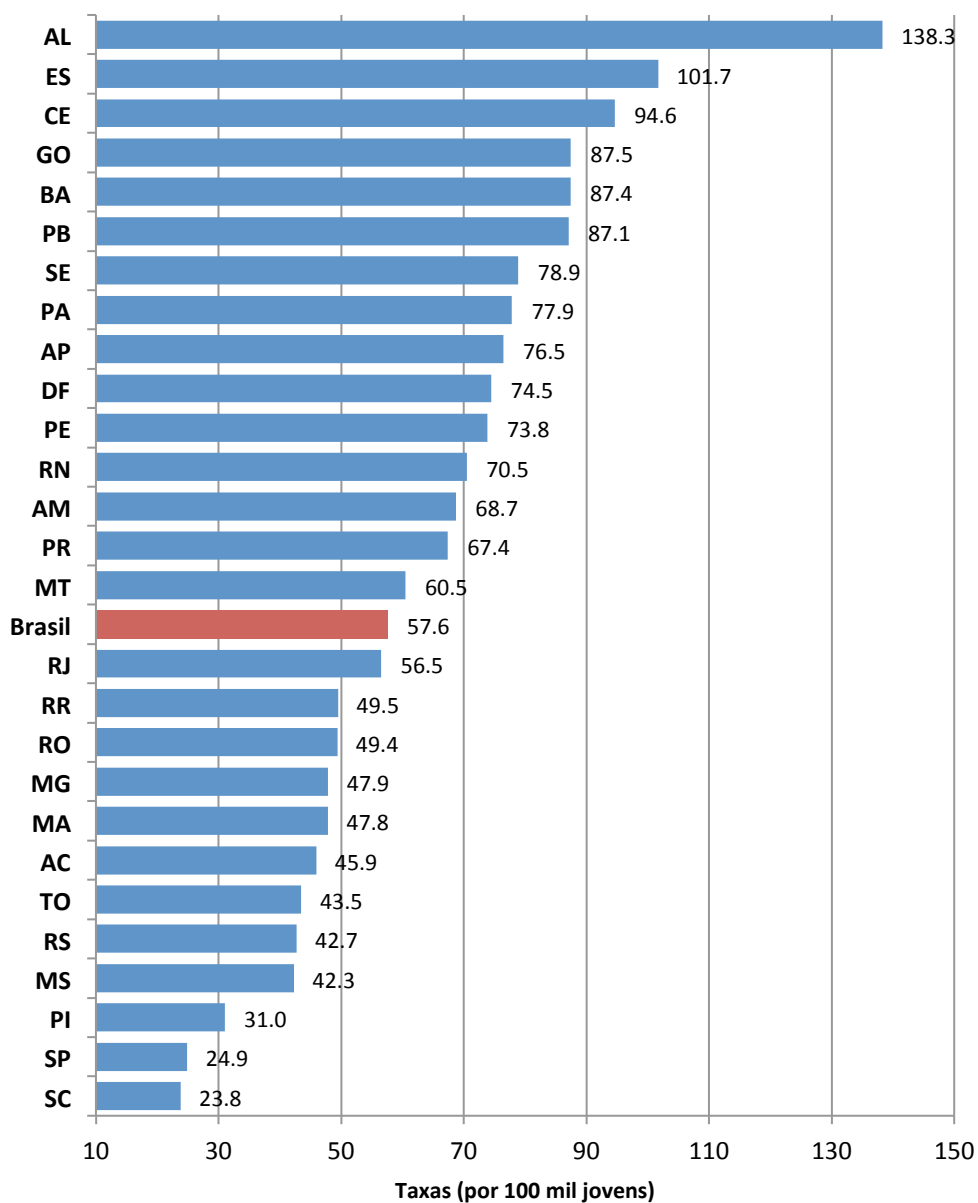
---

<sup>3</sup> Estudamos esse tema em *Mortes matadas por armas de fogo 1979-2003*. Brasília: UNESCO, 2004.



O Gráfico 3.1.6 ordena as UFs pelas taxas de homicídios da juventude. Além de permitir visualizar a posição relativa de cada Unidade, também nos mostra a enorme diversidade de situações: as taxas de homicídios juvenis de Alagoas resultam acima de cinco vezes maiores que as de Santa Catarina ou de São Paulo.

**Gráfico 3.1.6. Ordenamento das UF's segundo taxas de homicídio juvenil. Brasil. 2012.**



Fonte: SIM/SVS/MS.



### 3.5. A questão etária

Até 12 anos de idade, o número de vítimas é relativamente baixo. Nessa idade foram 85 as vítimas em 2013. A média de homicídios, nessa faixa de 0 a 12 anos, foi de 36,5 por idade simples.

A partir dos 13 anos, o número de vítimas de homicídio vai crescendo rapidamente, até atingir o pico de 2.473 na idade de 20 anos. A partir desse ponto, o número de homicídios vai caindo lenta e gradativamente.

A Tabela 3.5.1 e o Gráfico 3.5.2 sintetizam os mesmos dados para as diferentes faixas que configuram o ciclo de vida da população. Novamente pode ser verificado que as maiores taxas de homicídio concentram-se na juventude.

Tabela 3.5.1. Número e taxas de homicídio  
(por 100 mil) segundo faixa etária. Brasil. 2012

Faixa etária	Homicídios	
	Número	Taxa
Menor 1 ano	120	4,2
1 a 4 anos	83	0,7
5 a 9 anos	125	0,8
10 a 14 anos	743	4,3
15 a 19 anos	9.295	53,8
20 a 24 anos	11.744	66,9
25 a 29 anos	9.658	55,5
30 a 39 anos	12.961	43,0
40 a 49 anos	6.438	25,5
50 a 59 anos	2.989	16,0
60 a 69 anos	1.329	11,5
70 anos e +	851	9,1
<b>TOTAL</b>	<b>56.337</b>	<b>29,0</b>

Fonte: SIM/SVS/MS

### 3.6. Homicídios segundo sexo

Ao longo dos diversos mapas que vêm sendo elaborados desde 1998, emerge uma constante: a elevada proporção de mortes masculinas nos diversos capítulos da violência letal do País, principalmente quando a causa são os homicídios. Assim, por exemplo, nos últimos dados disponíveis, os de 2012, pertenciam ao sexo masculino: 91,6% das vítimas de homicídio na população total e ainda mais entre os jovens: 93,3%.

Tabela 3.6.1. Participação (%) e taxas de homicídio (por 100 mil) segundo sexo. População Total e Jovem. Brasil. 1980/2012.

Ano	População Total				População Jovem			
	%		Taxas		%		Taxas	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
1980	90,3	9,7	21,2	2,3	90,7	9,3	36,0	3,6
1981	90,2	9,8	22,8	2,4	90,4	9,6	38,5	4,0
1982	90,4	9,6	22,8	2,4	91,1	8,9	37,5	3,6
1983	90,2	9,8	25,0	2,7	90,4	9,6	41,7	4,3
1984	91,2	8,8	28,2	2,7	91,7	8,3	48,9	4,3
1985	91,0	9,0	27,6	2,7	91,5	8,5	49,6	4,5
1986	91,2	8,8	28,1	2,7	92,1	7,9	51,4	4,3
1987	91,6	8,4	31,2	2,8	92,7	7,3	57,0	4,4
1988	91,3	8,7	31,0	2,9	92,4	7,6	55,9	4,5
1989	91,8	8,2	37,7	3,3	92,6	7,4	70,6	5,5
1990	91,9	8,1	41,3	3,5	92,9	7,1	77,6	5,8
1991	91,1	8,9	38,6	3,7	92,3	7,7	70,8	5,8
1992	91,5	8,5	35,4	3,2	92,8	7,2	63,4	4,8
1993	91,4	8,6	37,3	3,4	92,8	7,2	68,2	5,1
1994	91,3	8,7	39,2	3,6	92,9	7,1	74,2	5,5
1995	91,0	9,0	43,9	4,2	92,5	7,5	81,2	6,4
1996	90,5	9,5	45,4	4,6	92,0	8,0	83,1	7,1
1997	91,1	8,9	46,9	4,4	92,8	7,2	88,0	6,8
1998	91,6	8,4	48,1	4,3	93,0	7,0	92,9	6,8
1999	91,8	8,2	48,7	4,3	93,2	6,8	94,1	6,7
2000	91,7	8,3	49,8	4,3	93,4	6,6	98,0	6,8
2001	92,0	8,0	51,9	4,4	93,3	6,7	101,2	7,2
2002	92,2	7,8	53,3	4,4	93,7	6,3	105,4	7,0
2003	92,3	7,7	54,1	4,4	93,7	6,3	107,2	7,2
2004	92,1	7,9	50,5	4,2	93,6	6,4	100,2	6,8
2005	91,8	8,2	48,2	4,2	93,7	6,3	95,1	6,3
2006	91,8	8,2	49,0	4,2	93,5	6,5	95,2	6,6
2007	92,1	7,9	47,2	3,9	93,6	6,4	92,8	6,4
2008	92,0	8,0	49,4	4,2	93,7	6,3	98,5	6,7
2009	91,7	8,3	50,1	4,4	93,4	6,6	99,5	7,1
2010	91,4	8,6	51,1	4,6	93,0	7,0	101,4	7,6
2011	91,3	8,7	50,5	4,6	93,0	7,0	102,3	7,6
2012	91,6	8,4	54,3	4,8	93,3	6,7	107,5	7,7
Δ%	1,5	-13,9	156,0	111,0	2,9	-28,5	199,0	113,0

Fonte: SM/SVS/MS.

## CAP. 4 - ACIDENTES DE TRANSPORTE

### 4.1. Código de Trânsito e Acidentes

Em 1997 foi aprovado o Código de Trânsito Brasileiro, instituído pela Lei nº 9.503, de setembro desse ano, instrumento que originou uma série de alterações visando enfrentar o surto de violência que vinha crescendo pesadamente desde inícios da década de 1990. Como a lei teve um impacto significativo na dinâmica dos acidentes, ao menos nos primeiros anos, neste item teremos que começar as nossas análises a partir de 1992, alguns anos antes da aprovação da lei.

Para entender melhor a situação da juventude nesse processo, vamos dividir o conjunto da população em dois grandes grupos: os *jovens* – segmento da população na faixa dos 15 aos 29 anos de idade – e os *não jovens* – aqueles que ainda não chegaram aos 15 anos de idade, e os que estão por acima, isto é, com 30 anos ou mais de idade. Com essa classificação poderemos comparar a situação e a evolução de ambas as taxas, indicador que denominaremos *Índice Vitimização Juvenil*<sup>4</sup> nos acidentes de transporte.

Considerando os anos 1992 a 2012, na Tabela 4.1.1 e Gráfico 4.1.2 pode-se observar a existência de uma marcada inflexão na evolução da mortalidade, o que permite caracterizar 3 grandes períodos relacionados com esse Código.

No primeiro período, que se inicia em 1992 e vai até 1997, data de entrada em vigor da nova lei, observam-se fortes aumentos na mortalidade, especialmente a juvenil. Nesse período, as taxas jovens aumentam 26,6%, enquanto as do resto da população 20,3%. Com isso, a vitimização de jovens nos acidentes de transporte aumenta 28,2%.

O segundo período, que se inicia em 1997 e vai até o ano 2000, já com a lei em vigor, registra uma forte retração, principalmente em 1998, seu primeiro ano de vigência, quando a queda foi superior a 13%. Nos anos subsequentes, as quedas foram bem menores, 2% ao ano, em média. No período, as taxas caem, com maior intensidade entre os jovens, o que leva a vitimização cair 17,6%.

A partir da virada de século, os índices crescem novamente de forma quase constante e sistemática. Já em 2004, os quantitativos retornam ao patamar de 1997, para continuar crescendo. Entre 2000 e 2007, as taxas juvenis crescem 27,4%, bem acima das taxas do resto da população, que só cresceu 11,1%. Grande aumento da vitimização jovem, que coincide, como será visto mais à frente, com o *boom* da motocicleta e da mortalidade dos motociclistas, preferentemente jovens.

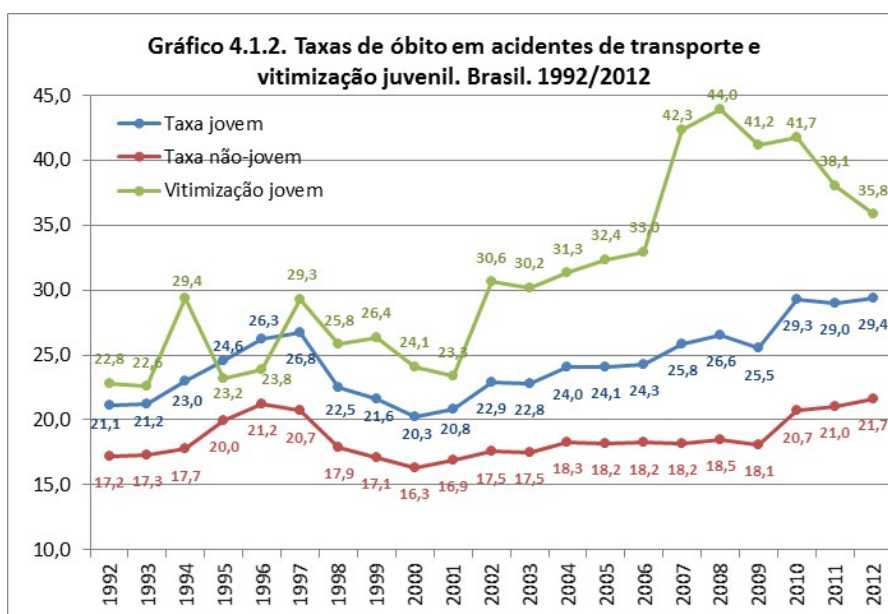
---

<sup>4</sup> Resulta da relação percentual entre a taxa de óbitos em acidentes de transporte da População Jovem e o da População Não Jovem. Um valor próximo de zero indica que, proporcionalmente, morrem equitativamente jovens e não jovens. Quanto maior o índice acima de zero, maior vitimização: indica a percentagem de mais mortalidade de jovens. Se o valor percentual é negativo, significa que a juventude é protegida: morrem proporcionalmente mais *não jovens* que *jovens*.

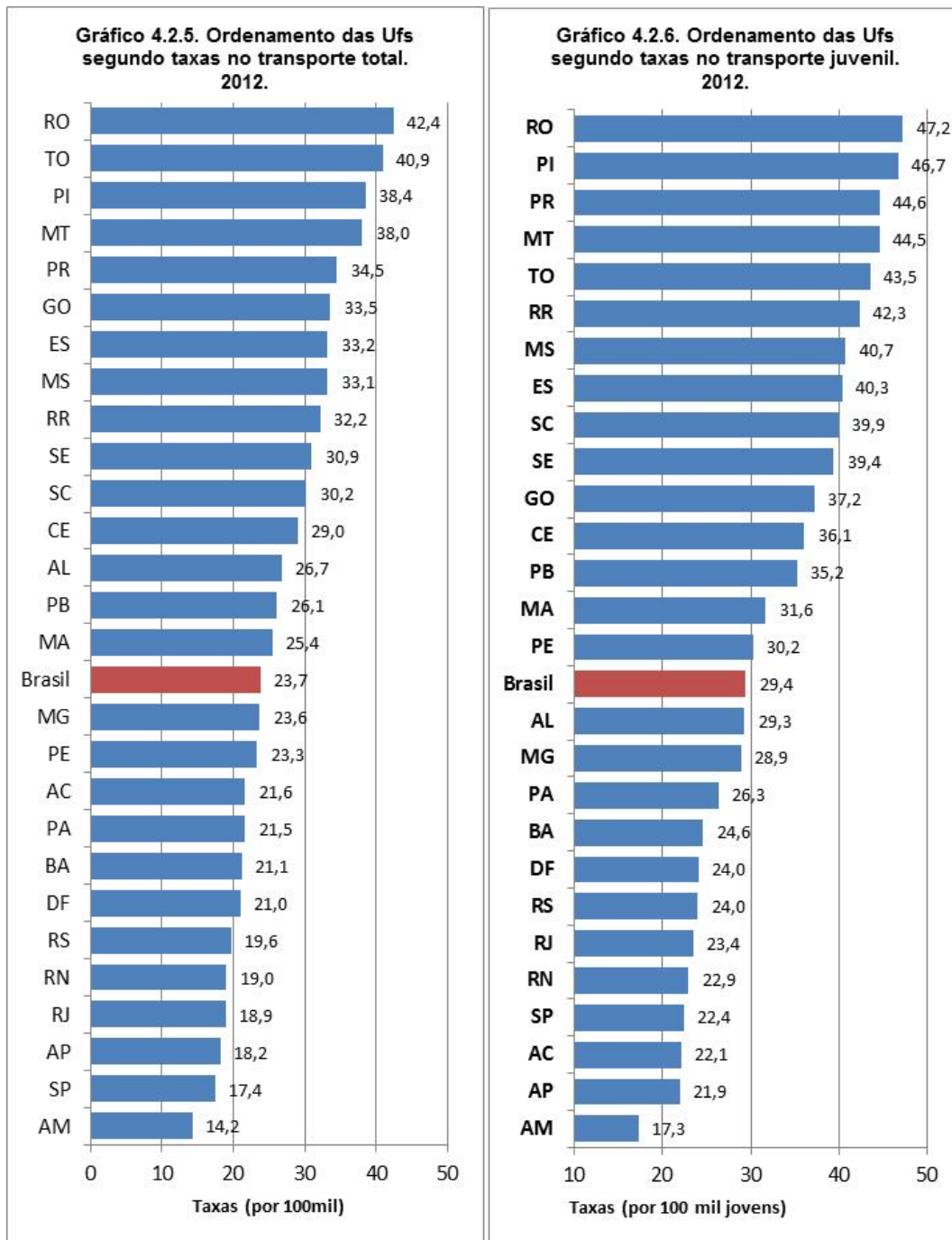
Tabela 4.1.1. Número e taxas de óbito (por 100 mil) em acidentes de transporte. População Jovem, Não Jovem e Total. Brasil. 1992/2012

Ano	Número			Taxas (por 100 mil)			Vitimização juvenil
	Total	Jovem	Não Jovem	Total	Jovem	Não Jovem	
1992	27.212	8.808	18.404	18,3	21,1	17,2	22,8
1993	27.852	8.993	18.859	18,4	21,2	17,3	22,6
1994	29.529	9.885	19.644	19,2	23,0	17,7	29,4
1995	33.155	10.743	22.412	21,3	24,6	20,0	23,2
1996	35.545	11.572	23.973	22,6	26,3	21,2	23,8
1997	35.756	11.987	23.769	22,4	26,8	20,7	29,3
1998	31.026	10.221	20.805	19,2	22,5	17,9	25,8
1999	30.118	9.954	20.164	18,4	21,6	17,1	26,4
2000	29.645	9.724	19.921	17,5	20,3	16,3	24,1
2001	31.031	10.141	20.890	18,0	20,8	16,9	23,3
2002	33.288	11.307	21.981	19,1	22,9	17,5	30,6
2003	33.620	11.397	22.223	19,0	22,8	17,5	30,2
2004	35.674	12.167	23.507	19,9	24,0	18,3	31,3
2005	36.611	12.561	24.050	19,9	24,1	18,2	32,4
2006	37.249	12.822	24.427	19,9	24,3	18,2	33,0
2007	38.419	13.570	24.849	20,3	25,8	18,2	42,3
2008	39.211	13.820	25.391	20,7	26,6	18,5	44,0
2009	38.469	13.253	25.216	20,2	25,5	18,1	41,2
2010	43.908	15.058	28.850	23,0	29,3	20,7	41,7
2011	44.553	15.021	29.532	23,2	29,0	21,0	38,1
2012	46.051	15.362	30.689	23,7	29,4	21,7	35,8
Δ% 1992/97	31,4	36,1	29,2	22,4	26,6	20,3	28,2
Δ% 1997/00	-17,1	-18,9	-16,2	-22,1	-24,2	-21,0	-17,6
Δ% 2000/07	29,6	39,6	24,7	16,2	27,4	11,1	75,6
Δ% 2007/12	19,9	13,2	23,5	16,8	13,8	19,2	-15,4

Fonte: SIM/SVS/MS.



## 4.2. Evolução dos óbitos por acidentes de transporte nas UFs



Fonte: SIM/SVS/MS

## 4.5. Mortes por categoria no trânsito

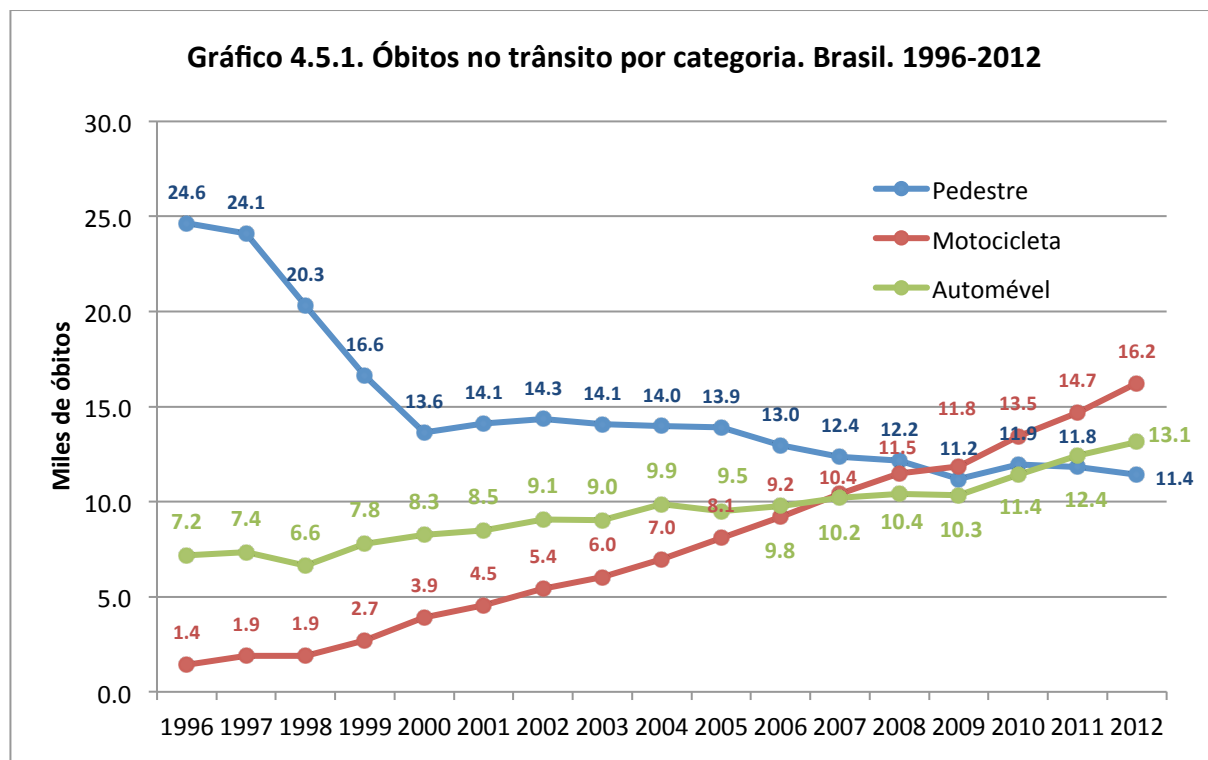
A partir de 1996, não só os números, mas também a estrutura e a composição desses acidentes mudaram. Segundo os registros do SIM, se o número de mortes de pedestres caiu 53,7%, as restantes categorias aumentaram e, no caso dos motociclistas, esse aumento beira a tragédia: passa de 1.421 mortes no ano

1996 para 16.223 em 2012: incríveis 1041% de crescimento, mais que decuplicando os números de 1996

Tabela 4.5.1. Óbitos em acidentes de transporte segundo Categoria. Brasil, 1996/2012.

Ano	Pedestre	Ciclista	Moto	Auto	Caminhão	Ônibus.	Outros	Total
1996	24.643	620	1.421	7.188	771	129	772	35.545
1997	24.112	822	1.877	7.353	772	98	722	35.756
1998	20.314	717	1.894	6.628	630	186	657	31.026
1999	16.627	933	2.689	7.799	733	158	1.178	30.118
2000	13.643	1.238	3.910	8.262	1.042	199	1.351	29.645
2001	14.102	1.462	4.541	8.483	1.018	135	1.289	31.031
2002	14.341	1.788	5.440	9.069	1.116	195	1.340	33.288
2003	14.074	1.779	6.046	9.018	1.186	201	1.315	33.620
2004	13.966	1.908	6.961	9.875	1.356	291	1.318	35.674
2005	13.924	2.055	8.089	9.492	1.401	224	1.427	36.611
2006	12.956	2.130	9.191	9.754	1.341	300	1.578	37.249
2007	12.362	2.111	10.392	10.218	1.354	234	1.747	38.419
2008	12.157	2.072	11.471	10.420	1.264	230	1.598	39.211
2009	11.194	2.001	11.839	10.347	1.346	225	1.516	38.469
2010	11.946	1.909	13.452	11.405	1.404	190	3.601	43.908
2011	11.805	1.884	14.666	12.429	1.567	248	1.955	44.553
2012	11.406	1.930	16.223	13.132	1.596	250	1.514	46.051
Δ%	-53,7	211,1	1041,5	82,7	107,1	92,9	96,1	29,6
<b>Total</b>	<b>253.573</b>	<b>27.359</b>	<b>130.103</b>	<b>160.872</b>	<b>19.895</b>	<b>3.494</b>	<b>24.877</b>	<b>620.174</b>

Fonte: SIM/SVS/MS.



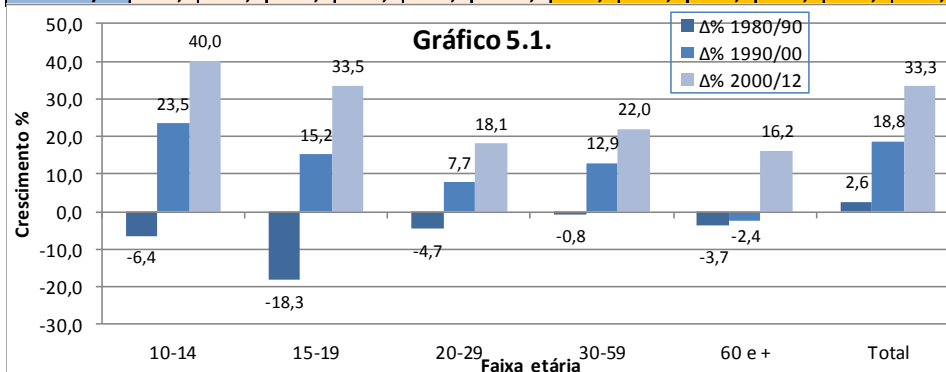
## CAP. 5 – SUICÍDIOS

No capítulo 2, quando abordamos os marcos da mortalidade juvenil, verificamos que, entre 1980 e 2012, as taxas de suicídio tinham crescido de 62,5%, aumentando o ritmo a partir da virada de século, tanto para o conjunto da população quanto para a faixa jovem.

Na Tabela e no Gráfico 5.1 desagregamos essa informação para as faixas de idade que represem fases do ciclo de vida da população a partir dos 10 anos de idade: adolescência, juventude, maturidade e velhice.

Tabela 5.1. Número e taxas de suicídio (por 100 mil) segundo faixa etária. Brasil. 1980/2012

Ano	Suicídios						Taxas de suicídio (por 100 mil)					
	10-14	15-19	20-29	30-59	60 e +	total	10-14	15-19	20-29	30-59	60 e +	Total
1980	59	422	1.101	1.752	529	3.863	0,4	3,1	5,3	5,5	7,3	3,3
1981	73	493	1.249	1.757	458	4.030	0,5	3,6	5,8	5,4	6,1	3,4
1982	69	399	1.165	1.798	464	3.895	0,5	2,9	5,3	5,3	5,9	3,2
1983	78	455	1.298	2.108	623	4.562	0,5	3,3	5,8	6,0	7,6	3,6
1984	69	369	1.230	2.139	592	4.399	0,5	2,6	5,4	5,9	7,0	3,4
1985	73	331	1.168	2.060	594	4.226	0,5	2,3	5,0	5,5	6,7	3,2
1986	62	392	1.177	1.995	648	4.274	0,4	2,7	4,9	5,2	7,1	3,2
1987	65	384	1.227	2.284	713	4.673	0,4	2,6	5,0	5,8	7,5	3,4
1988	58	333	1.218	2.199	656	4.464	0,4	2,3	4,9	5,4	6,7	3,2
1989	63	380	1.179	2.167	676	4.465	0,4	2,6	4,7	5,2	6,7	3,2
1990	65	378	1.286	2.343	732	4.804	0,4	2,5	5,0	5,5	7,0	3,4
1991	76	412	1.318	2.549	804	5.159	0,4	2,7	5,0	5,8	7,5	3,5
1992	73	410	1.369	2.654	712	5.218	0,4	2,7	5,2	5,8	6,4	3,5
1993	82	487	1.538	2.680	727	5.514	0,5	3,2	5,7	5,9	6,6	3,7
1994	93	551	1.602	2.830	820	5.896	0,5	3,5	5,9	6,2	7,4	3,9
1995	73	558	1.740	3.250	923	6.544	0,4	3,5	6,3	7,0	8,2	4,2
1996	116	630	1.704	3.361	882	6.693	0,7	3,8	6,2	6,6	7,1	4,3
1997	106	575	1.650	3.570	982	6.883	0,6	3,4	5,9	6,9	7,8	4,3
1998	94	604	1.681	3.524	1.025	6.928	0,5	3,5	6,0	6,8	8,1	4,3
1999	83	546	1.586	3.361	924	6.500	0,5	3,1	5,5	6,4	7,2	4,0
2000	83	525	1.617	3.535	1.000	6.760	0,5	2,9	5,4	6,2	6,9	4,0
2001	107	705	1.834	3.986	1.073	7.705	0,6	3,9	6,0	6,9	7,3	4,5
2002	107	646	1.869	4.031	1.044	7.697	0,6	3,5	6,1	6,9	7,0	4,4
2003	99	658	1.955	4.067	1.051	7.830	0,5	3,5	6,2	6,8	7,0	4,4
2004	103	640	1.946	4.163	1.135	7.987	0,6	3,4	6,1	6,9	7,5	4,5
2005	104	624	1.973	4.547	1.275	8.523	0,6	3,2	6,0	7,3	8,2	4,6
2006	117	631	2.037	4.621	1.200	8.606	0,6	3,2	6,2	7,4	7,6	4,6
2007	116	598	2.139	4.689	1.308	8.850	0,7	3,5	6,1	6,9	7,2	4,7
2008	96	632	2.233	4.955	1.376	9.292	0,6	3,7	6,4	7,1	7,3	4,9
2009	106	566	2.209	5.074	1.378	9.333	0,6	3,4	6,3	7,2	7,1	4,9
2010	101	605	2.210	5.078	1.426	9.420	0,6	3,6	6,4	7,0	6,9	5,0
2011	105	628	2.326	5.252	1.502	9.813	0,6	3,7	6,7	7,1	7,2	5,1
2012	117	675	2.225	5.600	1.670	10.287	0,7	3,9	6,4	7,6	8,0	5,3
<b>Δ% 1980/90</b>	<b>10,2</b>	<b>-10,4</b>	<b>16,8</b>	<b>33,7</b>	<b>38,4</b>	<b>24,4</b>	<b>-6,4</b>	<b>-18,3</b>	<b>-4,7</b>	<b>-0,8</b>	<b>-3,7</b>	<b>2,6</b>
<b>Δ% 1990/00</b>	<b>27,7</b>	<b>38,9</b>	<b>25,7</b>	<b>50,9</b>	<b>36,6</b>	<b>40,7</b>	<b>23,5</b>	<b>15,2</b>	<b>7,7</b>	<b>12,9</b>	<b>-2,4</b>	<b>18,8</b>
<b>Δ% 2000/12</b>	<b>41,0</b>	<b>28,6</b>	<b>37,6</b>	<b>58,4</b>	<b>67,0</b>	<b>52,2</b>	<b>40,0</b>	<b>33,5</b>	<b>18,1</b>	<b>22,0</b>	<b>16,2</b>	<b>33,3</b>
<b>Δ% 1980/12</b>	<b>98,3</b>	<b>60,0</b>	<b>102,1</b>	<b>219,6</b>	<b>215,7</b>	<b>166,3</b>	<b>61,8</b>	<b>25,6</b>	<b>21,2</b>	<b>36,6</b>	<b>9,2</b>	<b>62,4</b>



Fonte: SIM/SVS/MS



- Há um *tabu* existente na mídia de divulgar questões relativas ao tema, pelo temor do “*Efeito Werther*”<sup>5</sup>, ondas de suicídios por imitação ou indução.
- Também a produção acadêmica não acompanhou de forma proporcional esse crescimento. Como apontam Minayo e Cavalcante<sup>6</sup>: “Embora relevante, o suicídio de pessoas idosas tem merecido pouca atenção, não só no Brasil, mas no mundo inteiro”. Nos faríamos extensiva essa observação para o conjunto dos suicídios. Nesse marco, tentaremos agora aprofundar a partir dos dados liberados pelo MS.

## CAP. 6 – A COR DOS HOMICÍDIOS

O SIM do MS inicia a divulgação de seus dados em 1979, mas recentemente, em 1996, com a reformulação do sistema classificatório, começa a oferecer informações referentes à raça/cor das vítimas, porém com elevados níveis de subregistro nos anos iniciais. Houve uma progressiva melhoria na cobertura desse dado, e já na virada de século, a identificação supera a barreira de 90%, e continua melhorando.

É importante esclarecer que a categoria *negro*, utilizada neste relatório, resulta do somatório das categorias *preto* e *pardo*, utilizadas pelo IBGE.

### 6.1. Evolução Global 2002 a 2012

As Tabelas e Gráficos 6.1.1 e 6.1.2 sintetizam a evolução dos homicídios nas diferentes categorias de raça/cor utilizadas pelo IBGE. Só incluímos nelas um novo reagrupamento, somando as categorias preta e parda. Já de início, podemos observar uma acentuada tendência de **queda no número de homicídios da população branca e de aumento no número de vítimas na população negra**. Essa tendência se observa tanto para o conjunto da população quanto para a população jovem, como veremos a seguir.

Efetivamente, entre os brancos, no conjunto da população, o número de vítimas diminui de 19.846 em 2002 para 14.928 em 2012, o que representa uma queda de 24,8%. Entre os negros, as vítimas aumentam de 29.656 para 41.127 nessas mesmas datas: crescimento de 38,7%.

Mas, olhando o País como um todo, sem considerar a questão da cor, como fizemos no capítulo 3, foi possível constatar que não aconteceram grandes mudanças nas taxas nacionais de homicídio: em 2002, a taxa nacional foi de 28,9 por 100 mil habitantes, e em 2012, de 29,0, quase idêntica. Podemos concluir, então, que, sem grandes alterações na

<sup>5</sup> Personagem, da novela *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, publicada em 1774, em que o personagem se suicida com um tiro devido a um fracasso amoroso. A novela teria originado um surto de suicídios de jovens usando o mesmo método, em diversos locais.

<sup>6</sup> MINAYO, M. C. S.; CAVALCANTE, F. G.; SOUZA, E. R. Suicídio entre pessoas idosas: revisão da literatura. *Revista de Saúde Pública*, v. 44, n. 4, p. 750-757, 2010.



superfície, no atacado aconteceram profundas transformações na lógica interna da violência que precisa ainda ser trabalhada e aprofundada: a crescente seletividade social dos que vão ser assassinados.

Efetivamente, no início do período analisado, as taxas de homicídio dos brancos era de 21,7 por 100 mil brancos. A dos negros, de 37,5 por 100 mil negros. Assim, em 2002, o índice de vitimização negra<sup>7</sup> foi de 73: morreram proporcionalmente 73% mais negros que brancos. Em 2012, esse índice sobe para 146,5. A vitimização negra, no período de 2002 a 2012, cresceu significativamente: 100,7%, mais que duplicou. Três fatos evidentes:

- Tanto número quanto taxas de homicídio brancos caem significativamente.
- Tanto número quanto taxas de homicídio negros aumentam nesse período.
- Se as quedas das taxas brancas são bem expressivas, os aumentos nas taxas negras são de moderadas para baixas.

Entre os jovens, a evolução foi muito semelhante, mas a partir de taxas que duplicam as da população total e com manifestações bem mais intensas:

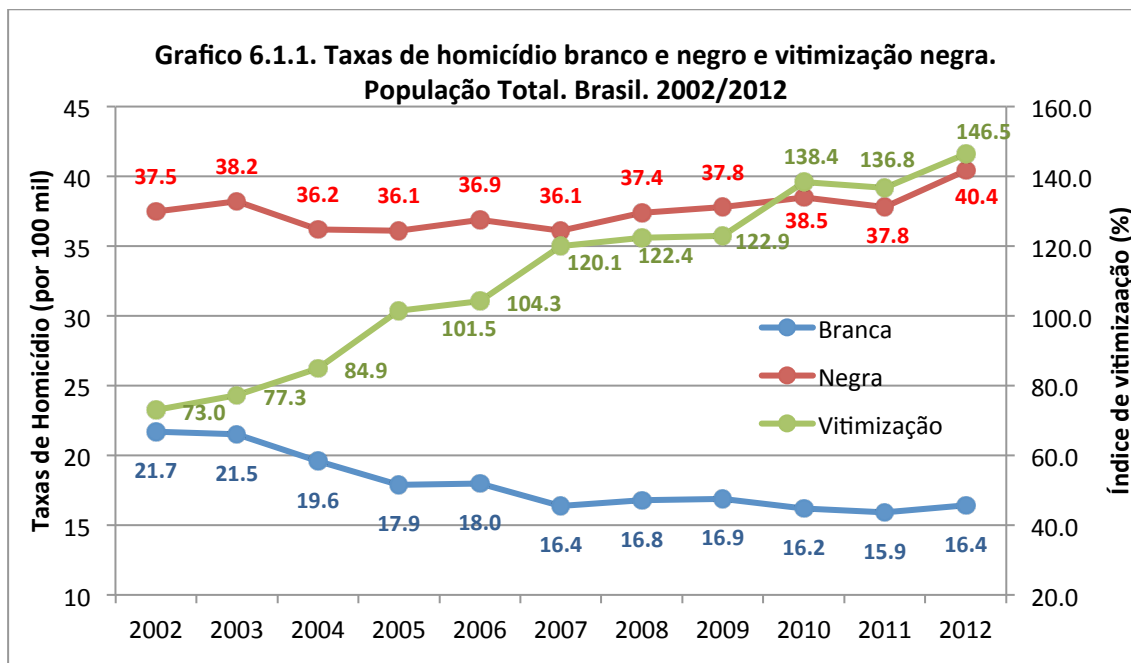
<b>Tabela 6.1.1. Homicídios, taxas (por 100 mil) e vitimização segundo raça/cor. População Total. Brasil. 2002/2012.</b>										
Ano	Branca	Preta	Parda	Negra*	Ama-rela	Indí-gena	Total	Taxas		Vitimi-zação.
								Branca	Negra	
<b>2002</b>	19.846	4.429	25.227	29.656	111	81	49.695	21,7	37,5	<b>73,0</b>
<b>2003</b>	19.700	5.011	26.067	31.079	192	84	51.054	21,5	38,2	<b>77,3</b>
<b>2004</b>	17.883	4.459	25.815	30.274	149	76	48.382	19,6	36,2	<b>84,9</b>
<b>2005</b>	16.360	4.084	26.952	31.036	87	100	47.582	17,9	36,1	<b>101,5</b>
<b>2006</b>	16.432	4.229	28.259	32.488	97	134	49.151	18,0	36,9	<b>104,3</b>
<b>2007</b>	14.908	4.186	28.416	32.601	48	154	47.712	16,4	36,1	<b>120,1</b>
<b>2008</b>	15.263	4.118	30.496	34.614	79	162	50.117	16,8	37,4	<b>122,4</b>
<b>2009</b>	15.378	4.103	31.751	35.854	64	143	51.438	16,9	37,8	<b>122,9</b>
<b>2010</b>	14.645	4.324	33.111	37.435	66	118	52.263	16,2	38,5	<b>138,4</b>
<b>2011</b>	14.435	4.398	33.150	37.549	73	146	52.202	15,9	37,8	<b>136,8</b>
<b>2012</b>	14.928	4.603	36.424	41.127	76	207	56.337	16,4	40,4	146,5
<b>Δ%</b>	<b>-24,8</b>	<b>3,9</b>	<b>44,4</b>	<b>38,7</b>	<b>-31,5</b>	<b>155,6</b>	<b>13,4</b>	<b>-24,4</b>	<b>7,8</b>	<b>100,7</b>

Fonte: SIM/SVS/MS. \*soma das categorias preta e parda

- O número de homicídios de jovens brancos cai 32,3%, e dos jovens negros aumenta 32,4%.

<sup>7</sup> A vitimização negra resulta da relação entre as taxas brancas e as taxas negras. Assim, em determinado ano, se a vitimização negra foi de 73,0%, significa que, proporcionalmente, morreram 73,0% mais negros que brancos. Em valor zero indica que morrem proporcionalmente o mesmo número de brancos e de negros. Valores negativos indicam que morrem, proporcionalmente, mais brancos que negros.

- As taxas de homicídio de jovens brancos caem 28,6%; as dos jovens negros aumenta 6.5%.



Fonte: SIM/SVS/MS.

**Tabela 6.1.2. Homicídios, taxas (por 100 mil) e vitimização segundo raça/cor. População Jovem. Brasil. 2001/2011.**

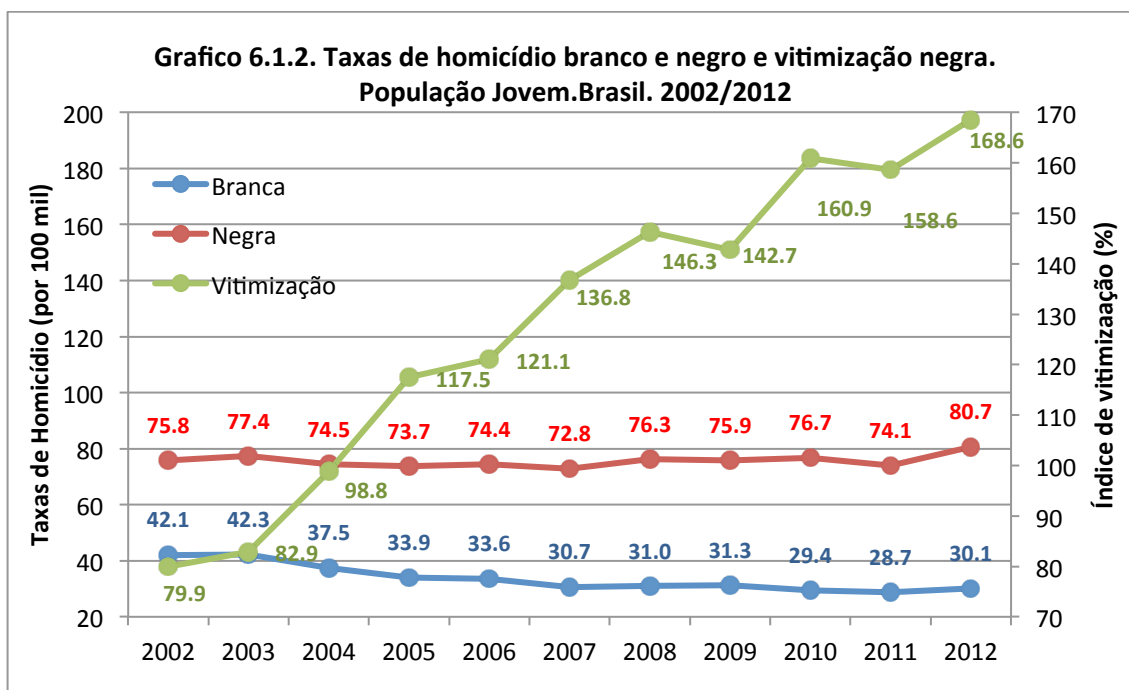
Ano	Branca	Preta	Parda	Negra*	Ama- rela	Indí- gena	Total	Taxas		Vitimi- zação.
								Branca	Negra	
2002	10.072	2.598	14.902	17.499	46	34	27.652	42,1	75,8	79,9
2003	10.067	2.977	15.326	18.303	96	33	28.499	42,3	77,4	82,9
2004	8.869	2.656	15.382	18.038	65	33	27.006	37,5	74,5	98,8
2005	7.984	2.418	15.845	18.263	34	51	26.332	33,9	73,7	117,5
2006	7.884	2.439	16.405	18.844	41	47	26.815	33,6	74,4	121,1
2007	7.165	2.443	16.409	18.852	13	74	26.104	30,7	72,8	136,8
2008	7.184	2.391	17.795	20.185	23	76	27.469	31,0	76,3	146,3
2009	7.216	2.299	18.215	20.514	18	54	27.803	31,3	75,9	142,7
2010	6.746	2.365	18.785	21.150	29	53	27.978	29,4	76,7	160,9
2011	6.540	2.349	18.503	20.852	26	54	27.472	28,7	74,1	158,6
2012	6.823	2.524	20.636	23.160	24	65	30.072	30,1	80,7	168,6
Δ%	-32,3	-2,8	38,5	32,4	-47,8	91,5	8,8	-28,6	6,5	111,0

Fonte: SIM/SVS/MS.

\*soma das categorias preta e parda

- Assim, o índice de vitimização de jovens negros, que em 2002 era de 79,9, sobe para 168,6: para cada jovem branco que morre assassinado, morrem 2,7 jovens negros.

- Mas persiste entre os jovens o fato de que os significativos incrementos nos índices de vitimização negra resultam mais podem ser atribuídos mais às quedas nos homicídios brancos do que a incrementos nos assassinatos de negros.



Fonte: SIM/SVS/MS.

Só no último ano da série, 2012, parece surgir um fenômeno novo. As taxas negras apresentam um surto repentino enquanto as brancas, que vinham caindo, têm um aumento moderado. Considerando os jovens, as taxas negras aumentam de 74,1 em 2011 para 80,7 em 2012: crescimento de 8,9%. As brancas também crescem, mas com ritmo menor: 4,7%. Tentaremos, nos itens a seguir, retomar esse tema com maior riqueza de informação.